

Egressos migram em busca de oportunidades



Estrutura: a fixação dos jovens médicos ocorre principalmente quando há boas condições de trabalho

Não se confirma a expectativa de que as escolas médicas sejam polos em torno dos quais os médicos ali graduados exercerão a profissão. É o que sugere levantamento realizado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). O estudo mostra que, após a conquista do diploma, pelo menos um em cada cinco egressos dos cursos de medicina formados nos últimos três anos optaram por se registrar em uma unidade da federação diferente da que se formaram. De acordo com o levantamento, é o caso de pelo menos 16.249 recém-formados, dos quase 72 mil novos egressos registrados nos Conselhos Regionais de Medicina entre os anos de 2018 e 2021.

“A migração interna de médicos é deter[1]minada por questões econômicas, sociais e demográficas, há fatores individuais e profissionais associados à decisão de mu[1]dar”, explica Mauro Ribeiro, presidente do CFM. Ele avalia que os achados fragilizam a tese de que a presença de escolas médicas é um fator de fixação de médicos.

Para ele, os números confirmam que a abertura desenfreada de escolas médicas, sobretudo nos anos de 2013 a 2015, não foi capaz de induzir a permanência de médicos nas chamadas regiões de difícil provimento. Ao contrário dos estados do Norte, que perderam profissionais, no Sudeste, houve retenção dos médicos que ali se formam e “atração” dos que concluíram graduação em outras localidades.

Durante os últimos três anos, São Paulo formou 12.812 médicos, mas recebeu 16.773 inscritos, ou seja, atraiu um contingente de quase 4 mil médicos forma[1]dos em outros estados. Por outro lado, Acre, Tocantins e Rondônia perderam mais da metade dos seus egressos.

Probabilidade – A análise mostrou ainda que, além daqueles que sequer se inscrevem onde se formaram, pelo menos outros 3.460 indivíduos (6,2%) transferiram o registro para outra UF antes de completar um ano desde a primeira inscrição. Por meio de uma análise de sobrevivência, ramo da estatística que estuda o tempo de duração esperado até a ocorrência de um ou mais eventos, o

CFM calculou a probabilidade de um egresso se mudar após a conclusão do curso de graduação.

Enquanto as chances na Região Norte foram de quase 25%, no Sul e Sudeste foram próximas a 7%. No Centro-Oeste e Nordeste ficaram em 13%.

O Norte se destaca ainda quanto à migração de UF. Em 12 meses, a chance de um egresso de Rondônia sair para outro estado é de 26%. Esse percentual também é alto no Tocantins (21%), Acre (20%), Amapá (18%) e Roraima (17%). Observa-se com o passar do tempo, que as possibilidades de migração aumentam nestas regiões, aprofundando a desigualdade.

Norte perde mais de 60% dos recém-formados



Evasão: os estados da Amazônia estão entre os que mais sofrem com a perda de egressos das escolas médicas

Ao avaliar o fluxo de migração interna dos recém-formados nos últimos três anos, o CFM constatou também que mais de 60% dos médicos que se formaram em escolas médicas sediadas no Norte do País nem chegaram a solicitar inscrição nos estados em que se formaram.

É o caso do Acre, onde, dos 240 médicos formados desde 2018, 151 (62,9%) não chegaram a se registrar naquele território. Em Tocantins, outros 787 (56,7%) médicos que ali se formaram neste mesmo período também partiram para outros estados assim que concluíram a graduação. Confira na tabela abaixo dados de outros estados.

“O Brasil ainda sofre com grande desigualdade na distribuição da população médica. Faltam políticas públicas que estimulem a migração e fixação dos médicos nas regiões de difícil provimento”, destaca Júlio Braga, coordenador da Comissão de Ensino Médico do CFM.

Segundo o conselheiro, o persistente fluxo de médicos em direção aos mesmos lugares pode agravar desigualdades e não se resolverá apenas com o aumento do número de profissionais ou a “suposta interiorização por meio da abertura de novas escolas”.

Concentração – Entre janeiro de 2018 e agosto de 2021, quase 72 mil novos egressos se

registraram nos CRMs. Os estados que mais formaram médicos foram São Paulo, com 12.812 (17,9%); Minas Gerais, com 10.942 (15,3%); e Rio de Janeiro com 7.893 (11%).

Apesar do volume superior de formandos, São Paulo também se destaca como a unidade da federação que mais recebeu egressos de outras localidades: um total de 5.050 médicos, 40% a mais do que conseguiu formar nos últimos três anos.

Historicamente, avalia Braga, nenhum Governo implementou medidas efetivas que eliminassem estas distorções. “Além de estrutura de trabalho, os recém-formados muitas vezes buscam mais oportunidades para se tornar um especialista, isto é, vagas em Programas de Residência Médica”, disse.

Para ele, entre outros fatores, é essencial a criação de uma carreira de estado para o médico do SUS, que ofereceria ao cidadão a estrutura de atendimento e ao médico as condições de trabalho e os estímulos profissionais tão necessários.

MIGRAÇÃO DE EGRESSOS DE ESCOLAS MÉDICAS NO BRASIL - 2018 A 2021*						
Estado	Formandos		Registros mesma UF		Registros outra UF	
	Quantidade	Distribuição %	Quantidade	Proporção %	Quantidade	Proporção %
ACRE	240	0,3%	89	37,1%	151	62,9%
ALAGOAS	663	0,9%	493	74,4%	170	25,6%
AMAPÁ	170	0,2%	138	81,2%	32	18,8%
AMAZONAS	754	1,1%	593	78,6%	161	21,4%
BAHIA	3.138	4,4%	2.779	88,6%	359	11,4%
CEARÁ	2.658	3,7%	2.262	85,1%	396	14,9%
DISTRITO FEDERAL	1.465	2,0%	884	60,3%	581	39,7%
ESPÍRITO SANTO	1.739	2,4%	1.199	68,9%	540	31,1%
GOIÁS	2.080	2,9%	1.708	82,1%	372	17,9%
MARANHÃO	1.079	1,5%	787	72,9%	292	27,1%
MATO GROSSO	1.123	1,6%	718	63,9%	405	36,1%
MATO GROSSO DO SUL	873	1,2%	579	66,3%	294	33,7%
MINAS GERAIS	10.942	15,3%	8.006	73,2%	2.936	26,8%
PARÁ	1.970	2,7%	1.259	63,9%	711	36,1%
PARAÍBA	3.042	4,2%	1.736	57,1%	1.306	42,9%
PARANÁ	4.173	5,8%	3.478	83,3%	695	16,7%
PERNAMBUCO	2.884	4,0%	2.292	79,5%	592	20,5%
PIAUI	1.327	1,9%	924	69,6%	403	30,4%
RIO DE JANEIRO	7.893	11,0%	6.049	76,6%	1.844	23,4%
RIO GRANDE DO NORTE	1.066	1,5%	792	74,3%	274	25,7%
RIO GRANDE DO SUL	3.828	5,3%	3.254	85,0%	574	15,0%
RONDÔNIA	878	1,2%	430	49,0%	448	51,0%
RORAIMA	177	0,2%	121	68,4%	56	31,6%

Fonte: CFM/CRMs. * Até 29 de agosto de 2021.

Ensino reforça problema

Além de mapear a distribuição dos médicos recém-formados nos últimos três anos, o Conselho Federal de Medicina (CFM) também buscou identificar o percurso dos médicos formados nas chamadas novas escolas, isto é, aquelas abertas a partir de 2010. Nos últimos três anos, 12.947 médicos se formaram nas 103 escolas neste perfil. Dentre eles, 2.491 (19%) buscaram o primeiro registro em UF diferente da escola de formação.

“Uma década se passou e o pretexto político para a abertura de novas escolas continua o mesmo: o de que ela fixará os profissionais nos rincões do País. Alertamos para essa infundada argumentação naquela época e insistimos: para atrair médicos às regiões mais afastadas e, principalmente, para fixá-los nessas regiões é preciso oferecer locais com boa estrutura tanto para a formação quanto para a atuação do profissional, criticou o presidente do CFM, Mauro Ribeiro.

Segundo ele, a principal motivação para os médicos se fixarem em determinado lugar são as condições de trabalho. Em seguida, pondera, vêm a inserção social do profissional no local e o salário. “Isso significa que, se não houver investimento para melhorar a infraestrutura dos locais e das condições de atendimento aos pacientes nestas regiões, os futuros médicos não irão se fixar ali”.

Os estados do Pará e Paraíba contam com as maiores proporções de “fuga” dos jovens egressos. Mais de 73% dos recém-formados nas escolas médicas do Pará, por exemplo, adquiriram seu primeiro registro em outro estado. Da mesma forma, pouco mais da metade (53,3%) dos médicos formados nas novas escolas da Paraíba não se fixaram naquele estado.

Entre os estados com o menor índice de “fuga” está o Paraná, com 9% dos novos egressos registrados em outra localidade. Na Bahia, a proporção também foi pequena (9,5%), assim como no Rio Grande do Norte (9,7%).

Alteridade na relação médico-paciente será debatida em webinar do CFM

Está confirmado para o dia 4 de maio o III Webinar de Humanidades Médicas do Conselho Federal de Medicina (CFM). Para acompanhar não há necessidade de inscrição prévia. Basta acessar o canal oficial do CFM no YouTube a partir das 19h.

Com o tema central “Ciência e espiritualidade”, a palestra desta terceira edição será “Nenhum homem é uma ilha”, que tratará da alteridade na relação médico-paciente. Para abordar o assunto, o convidado será o mestre em bioética José Eduardo Siqueira. O encontro será mediado pelos membros da Comissão de Humanidades Médicas do CFM, Helena Carneiro Leão e Henrique Batista.

Assim como nas edições anteriores, está previsto na programação do Webinar um momento da arte. Desta vez, o membro da Comissão, Lúcio Antônio Prado Dias, trará uma reflexão humanística com a exibição de trecho do filme “O Resgate do Soldado Ryan” (Steven Spielberg, 1998).

O evento tem como público-alvo médicos de diversas especialidades, professores, acadêmicos e profissionais de áreas afins interessados no conhecimento humanístico voltado para a prática médica e da saúde.

Acompanhe a seguir a programação do evento:

III Webinar de Humanidades Médicas do Conselho Federal de Medicina (CFM)

- 19h – 19h50 Exposição- NENHUM HOMEM É UMA ILHA
- Coordenadora: Helena Maria Carneiro Leão (PE) – conselheira Federal e coordenadora Adjunta da Comissão de Humanidades Médicas do CFM
- Secretário: Henrique Batista e Silva (SE) – membro da Comissão de Humanidades Médicas do CFM

- Expositor: José Eduardo de Siqueira (PR) – membro da Comissão de Humanidades Médicas do CFM.
- 19h50 – 20h10 – MOMENTO DA ARTE
- Introdução: Lúcio Antônio Prado Dias (SE) – membro da Comissão de Humanidades Médicas do CFM
- Exibição de trecho do filme “O Resgate do Soldado Ryan” (Steven Spielberg, 1998)
- 20h10 – 20h40 – DEBATES
- 20h40 – 20h45 – ENCERRAMENTO

Fonte: [Portal CFM](#), em 24.03.2022.